

Gênero e sexualidade: enodamentos que sustentam equívocos

Daniele Guilhermino Salfatis

Resumo

O escrito aqui apresentado tem como objetivo problematizar as questões de gênero a partir de três conceitos psicanalíticos, tal qual abordados na obra de Lacan. São eles: identidade, sintoma e *sinthome*. Os cruzamentos desses pontos têm o intuito de orientar o fazer clínico deslocando-se do binarismo ou da patologização. Identidade trabalhada a partir da ideia de *shifter*, o sintoma como aquilo que o analisante enuncia sob transferência e o *sinthome* como quarto nó, enlaçando Real, Imaginário e Simbólico. O percurso teórico tem o intuito de pensar gênero e processo analítico colocando em cena a diferença absoluta como orientadora do manejo clínico para além das tentativas de enquadramentos identitários ou patologizantes, colocando em cena o singular da nomação.

Palavras-chave:

Gênero; Identidade; Psicanálise; Sintoma; *Sinthome*.

Gender and sexuality: knots that sustain misunderstanding

Abstract

The purpose of the writing presented here is to problematize gender issues based on three psychoanalytical concepts, as discussed in Lacan's work. They are: identity, symptom and *sinthome*. The crossing of these points is intended to guide clinical practice, moving away from binarism or pathologization. Identity worked from the idea of *shifter*, the symptom as what the analysand enunciates under transference and the *sinthome* as a fourth knot, linking Real, Imaginary and Symbolic. The theoretical course intends to think about gender and the analytical process, putting into play the absolute difference as a guide for clinical management beyond attempts at identifying or pathologizing framings, putting into play the singularity of naming.

Keywords:

Gender; Identity; Psychoanalysis; Symptom; *Sinthome*.

Género y sexualidad: nudos que sostienen errores

Resumen

El escrito que aquí se presenta tiene como propósito problematizar cuestiones de género a partir de tres conceptos psicoanalíticos, tal como se discuten en la obra de Lacan. Ellos son: identidad, síntoma y sinthome. Las intersecciones de estos puntos pretenden orientar la práctica clínica, alejándose del binarismo o la patologización. La identidad trabajada a partir de la idea de shifter, el síntoma como lo que enuncia el analizando bajo la transferencia y el sinthome como cuarto nudo, vinculando Real, Imaginario y Simbólico. El curso teórico pretende pensar el género y el proceso analítico, poniendo en juego la diferencia absoluta como guía para la gestión clínica más allá de los intentos de identificar o patologizar los encuadres, poniendo en juego la singularidad del nominar.

Palabras-clave:

Género; Identidad; Psicoanálisis; Síntoma; Sinthome.

Genre et sexualité : des nouements qui soutiennent les erreurs

Résumé

Cet article vise à problématiser les questions de genre du point de vue de trois concepts psychanalytiques, tels qu'ils sont abordés dans l'œuvre de Lacan. Il s'agit de l'identité, du symptôme et du sinthome. Les croisements de ces points ont pour but de guider la pratique clinique, en s'éloignant du binarisme ou de la pathologisation. L'identité travaillée à partir de l'idée de shifter, le symptôme comme ce que l'analysant énonce sous le transfert et le sinthome comme le quatrième nœud, reliant le Réel, l'Imaginaire et le Symbolique. Le parcours théorique vise à penser le genre et le processus analytique, en mettant en scène la différence absolue comme guide de la gestion clinique au-delà des tentatives de cadrages identitaires ou pathologisants, en mettant en scène le singulier de la nomination.

Mots-clés :

Genre ; Identité ; Psychanalyse ; Symptôme ; Sinthome.

Alguns movimentos sociais lutam e reivindicam o reconhecimento e a existência de conjuntos de negros, mulheres e todas as significações compreendidas nas letras de LGBTQIA+. Reivindicações justíssimas, absolutamente imprescindíveis, que denunciam desigualdades de direitos, apagamentos, violências. Pessoas que reivindicam a existência de seus corpos, o exercício de seu desejo e de sua sexualidade. Esforço de descentralização daquilo que massivamente se entende, e que produz opressão, como normalidade, ou seja, a heterossexualidade, cis e binária.

Este escrito pensará em outro sentido, a partir de outro vetor, orientado pela psicanálise, mas não sem ser tocado por trabalhos de outros territórios epistemológicos. Foi no esforço de produzir uma escrita a partir desse espectro teórico que versa e prosa sobre o inconsciente que me lembrei de um sonho dos finalmentes de minha análise.

Sonhei que estava em um barco. Vale dizer que minha infância e adolescência foi marcada pelo medo de navegar, medo do mar, principalmente quando meu pai estava à frente da navegação. Nesse barco onírico, estava meu pai, travesti! Claro que nada entendi! Nem no sonho, nem na tentativa de sua elaboração deitada no divã.

Esse sonho retorna agora... advento do real... quando me esforço para escrever sobre o passe e sobre o imbróglio que nos colocamos para falar de gênero e psicanálise.

Muitas vezes, diante de uma travesti, nos perguntamos, atravessados pelo binarismo acachapante, é homem ou mulher? Como se tivéssemos a necessidade de ordenar o mundo e os seres para decodificarmos aquilo que olhamos. Para nos furtarmos do enigma de nossa existência como corpos desejantes. Desejantes de não sabemos o quê, desejo fugaz, desejo fugidio, causado pelo objeto *a*.

Outra forma de questionamento, ou de tentativa infeliz de resposta ao que seria a opção sexual, identidade sexual, ou seja lá como definimos a forma de amar, de estar com outro, de se relacionar com outro, seria a patologização ou o enquadramento em categorias diagnósticas. Quem já não escutou que a travesti seria a encarnação da perversão, pois se trataria de um homem que negaria a castração? Uma mulher que teria o falo! Ou que a homossexualidade teria relação direta com a psicose, pela via da não assunção da castração? Sem falar nas “terapias de cura *gay*”.

Mais uma vez, qual será a caixinha em que poderíamos enclausurar o que nos chega como diferente, não convencional, ou, prefiro dizer, singular? Como incomoda qualquer coisa que faça enigma, que nos desloque, que fure esse mundinho tão fantasiosamente delineado.

Pose é um seriado da Netflix que coloca em cena os dilemas, as dores e os prazeres de pessoas LGBTQIA+. É notável a pluralidade dos personagens. Digo isso pensando no “conceito” expresso por Paul Preciado em sua mesa com Caetano Veloso, na Flip de 2020.

Como são ou querem ser vistos, quais são as marcas do Outro, quais são seus traumas, quais são suas relações de objeto, seus desejos, seus vínculos transferenciais, cruzamentos psíquicos, que, em última instância, os singularizam, os dife-

rencias, muito mais do que os agrupam em uma identidade homogênea? Diria ainda mais, ser hétero ou homo pouco diz dos personagens da série, assim como diz de um sujeito de forma parcial, não toda.

Como pensarmos o gênero, então? Homens biológicos mais femininos do que mulheres biológicas, homens *gays* que não querem ser chamados de mulheres e até com receio de sua feminilidade, mulheres que não querem deixar de ter o órgão sexual masculino, outras que querem se ver mulheres anatomicamente. Mulheres *gays* que querem ser vistas e fazem por onde, mulheres trans que preferem transitar anonimamente. Mais uma vez, a multiplicidade do sujeito, a singularidade apoiada na diferença radical. Talvez na diferença absoluta, tal como postulada no *Seminário 11*, como o distanciamento entre o ideal de eu e o objeto *a*. E ainda, vinculada ao desejo de analista, “é um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver” (Lacan, 1964/2008, p. 267).

Para tentar pensar em psicanálise e gênero, poderíamos nos dirigir às fórmulas da sexuação, com o lado fálico, que Lacan nomeia o lado homem, e o lado não todo, que ele nomeia lado mulher.

Poderíamos pensar que, em alguns casos, a falta posta por não ser mulher, ou não ser homem, alguma coisa que falta no corpo, ou que excede no corpo, já colocaria os sujeitos do lado não todo. O que escutamos é que há ainda a busca do falo, a busca daquilo que o completaria, ou completaria o Outro. Ter curvas de uma mulher, a postura de um macho, a força de um rapaz, a graciosidade de uma menina, a eloquência de uma perua, a graciosidade de uma trans ou a determinação de um trans. Portanto, a disputa fálica está na mesa, independentemente da anatomia ou do gênero, talvez possamos dizer, escolhido (escolhido nos moldes daquilo que a psicanálise entende como escolha, e não como uma escolha consciente).

Ambra (2018, p. 49), utilizando-se da expressão identidade sexual, escreve: “As identidades sexuais são, por fim, o que os sujeitos oferecem ao Outro na esperança de preencher a falta que os constitui.”

A construção da sexualidade se dá por meio da linguagem, dos jogos identificatórios, das marcas simbólicas e dos gozos que atravessam o sujeito. Não há o natural do sexo, em que a copulação para fins reprodutivos estabelece o curso da vida sexual e das escolhas daquele sujeito.

É a partir do Outro — lugar da palavra, como detalhou Lacan — que a criança obterá meios para constituir a sexualidade. Se ela não possui a

designação sexual previamente delimitada (conforme Freud formulou através da constatação da inexistência da inscrição da diferença sexual no inconsciente), só poderá vir a obtê-la por intermédio da ação da linguagem sobre o seu ser. (Jorge & Travassos, 2018, p. 31)

Identities

Sou homem, sou mulher, sou trans... sou... sou... Eu sou.

Lacan (1964-1965), desde o *Seminário 9*, das identificações mexe, remexe e trans-forma o aforismo cartesiano: “penso, logo existo” para “penso onde não sou”.

Lacan, em 1960, dirá do eu como um *shifter*:

Uma vez reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de sujeito podemos conceber-lhe? Podemos tentar aqui, numa preocupação de método, partir da definição estritamente linguística do [Eu] como significante onde ele não é nada além do *shifter* ou indicativo que, no sujeito do enunciado, designa o sujeito enquanto ele fala naquele momento. (Lacan, 1960/1998, p. 814)

O Eu marca o enunciado, um instante que aponta a enunciação. O sujeito estaria ali, nesse intervalo de tempo, no entre significantes que vaza algo da enunciação. Enunciado que por vezes, no equívoco, no troço ou no próprio arranjo linguístico, foi colorido pelas tintas da enunciação.

Eu que, como diria Butler (1990/2003), performa. Multidões de corpos, diria Preciado, que performam.

Para Butler (1990/2003), seguindo o texto de Ambra (2018, p. 47),

(...) de um ponto de vista político, parece ser mais radical (do que Lacan), na medida em que, no limite, nenhuma identidade sexuada existiria como substância (ou modalidade de gozo) fixa e idêntica a si, donde sua crítica ao uso da noção de “identidade de gênero” como ontologizante. Para a autora, o gênero não teria o estatuto de uma essência masculina ou feminina (ainda que socialmente construída), mas, sobretudo, o de uma ilusão criada a partir de reiterações performativas.

Os corpos envoltos por suas fantasias oriundas dos efeitos da marca do traço unário, banhados por *lalangue*, debatendo-se com o saber impossível do sexo. Cada sujeito se inventa para poder se apresentar para o Outro como objeto de amor. Nessa invenção alucinante, busca um semblante que possa conceder a identidade que caberia no buraco do Outro. E, assim, com a forma mais desejável,

sendo o índice do êxtase alheio, diz-se homem, mulher, trans, *queer* ou +. Um “eu sou” que ainda não se deu conta de que a relação sexual não existe e que o Outro é castrado. Segue perseguindo a resposta do “*che vuoi?*”.

Há o que se performa com o corpo. *Performance* envolve em um corpo falante. Falante, mas ainda corpo imaginariamente desenhado, ou deturpado, formado, ou deformado.

More geométrico, por causa da forma, cara a Platão, o indivíduo se apresenta como troncho, como um corpo. E esse corpo tem tal cativação que, até certo ponto, os cegos deveriam ser invejados. (...) O espantoso é que a forma só libera o saco ou, se vocês quiserem, a bolha, pois é alguma coisa que incha (...). Nem por isso um saco vazio permanece um saco, ou seja, isso que só é imaginável pela ex-sistência e pela consistência que o corpo tem, de ser pote. É preciso apreender essa ex-sistência e essa consistência como reais, posto que apreendê-las é o real. (Lacan, 1975-1976/2007, p. 19)

Esse pote, o qual se denomina mulher, homem, trans, é mais um enunciado oriundo da enunciação, de um dizer. Enunciação resultante das alquimias do desejo e do gozo. Desejo causado pelo objeto *a*, ponto de *coiçage* de RSI.

Nos *Seminários 21, 22 e 23*, Lacan se debruça sobre o nó borromeano para tratar daquilo que faz com que o sujeito se enode a partir das três *dit-mainsons*: Real, Simbólico e Imaginário.

Sintoma

Não é possível pensar o corpo, corpo falante, desde sua dimensão imaginária apenas. Há uma amarração que faz com que os registros se incidam mutuamente, sem a prevalência de um ou de outro.

O corpo como identidade pode ser dito pelo sujeito como sintoma, pode ser questão de análise. Como aquilo que de alguma forma carrega um sofrimento. Sofrimento que foge da capacidade do sujeito de agir sobre ele. Desloca-o da posição de senhor de seu eu.

Em 1958, Lacan começa dizendo que o sintoma “vai no sentido de um desejo de reconhecimento, mas esse tipo de desejo permanece excluído, recalcado”. Interessando-se pelo real como ligado a uma relação singular com o simbólico e o imaginário, Lacan observa que o sintoma nada mais é do que o sinal de uma disfunção orgânica, funcionando da mesma forma como normalmente o faz para o médico e seu saber médico: “ele vem do Real, ele é o Real”.

Esclarecendo seu pensamento, explica que “o sintoma é o efeito do simbólico no real”. Em 1975, acrescenta que o sintoma é aquilo que as pessoas têm de mais real” (Chemama, 1995, p. 203).

O simbólico que tenta colocar em palavras algo que ex-siste no real.

Recebemos em nossos consultórios alguns casos em que o gênero é a questão, ou em que a orientação sexual é a questão. Ou, ainda, poderíamos reduzir todas as queixas, quiçá os sintomas, a: olha o que estou fazendo para que eu possa fazer a relação sexual existir! Acontece que o que faço abre uma angústia gigante, porque nunca é isso... o Outro quer sempre outra coisa. O que eu quero é sempre outra coisa. Não faço ideia de qual é meu desejo e como faço para que a assunção dele não me separe completamente do Outro.

O sintoma analítico dá notícias de todo esse enredo infinito, traz o conflito das identificações postas nas trincheiras da constituição subjetiva. Todas elas fiadas no inconsciente estruturado como linguagem.

Em última instância, todas as identificações são sexuais. Não deveríamos, como analistas, escutar os sintomas que poderiam dizer ligados ao gênero, ou ao sexual, como qualquer outro sintoma? Haveria alguma especificidade?

Muito complicado falarmos em especificidade. Duas razões me ocorrem para tanto. A primeira, que estaríamos designando sujeitos específicos para analistas específicos, o que coloca em xeque a não predicação do sujeito, bem como o analista deixa de ser o sujeito suposto saber. Como especialista, ele “sabe” daquilo que o analisante tem a dizer.

A segunda seria que todo sintoma analítico é, para Freud, uma solução de compromisso entre desejo e defesa. Para Lacan, o sintoma é estruturado como linguagem; o conflito de Freud é determinado simbolicamente. O sintoma chega pela boca do analisando, que conta ao analista como está tentando se virar diante do real do sexo. E isso pode ter relação com o gênero, assim como com qualquer outra coisa eleita como significante que poderia expor a lógica do conflito:

Pode se expressar isso de diversas formas: o que se denomina “sintoma” na clínica da observação não se denomina forçosamente “sintoma” na clínica autodiagnosticada do sujeito. Ou ainda: o que o Outro social (e o psiquiatra faz parte do Outro social) não suporta ou estigmatiza nem sempre coincide com o que cada sujeito não suporta. (Soler, 2018, p. 37)

Assim, podemos pensar em gênero como um sintoma, desde que seja assim colocado por aquele que fala e sem que seja um tema específico a ser trazido para um psicanalista “especialista”. Especialista em um sintoma que se definiu *a priori*, sem a abertura para os equívocos do processo.

Podemos ter em nosso divã um homem cis que coloca em pauta sua masculinidade, ou uma mulher trans que precisa falar sobre sua posição como filha. Gênero não é uma categoria nosológica, assim como o gênero ou a identidade sexual de quem levamos para a cama também não é uma questão de análise, se não for

proferido por aquele que fala no divã. Precisamos estar muito atentos, para não voltarmos à patologização por debaixo das vestimentas do especialista, ou do psicanalista acolhedor que “quer” ouvir sobre a descoberta, por parte do paciente, de sua homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade, pansexualidade — nomes não nos faltam.

Esse ponto é importante para nos lembrar de que, ao falar do desejo como pura negatividade, Lacan tinha em mente essa potência de indeterminação, essa presença, em todo sujeito, daquilo que não se submete integralmente à determinação identitária da unidade sintética de um Eu, que não se submete à forma positiva de um objeto finito. Ou seja, a falta própria ao desejo é, na verdade, o modo de descrição de uma potência de indeterminação e de despersonalização que habita todo o sujeito. (Safatle, 2017, p. 87)

Se o desejo é sempre tão singular, e se o que se faz em uma análise é manter o enigma do sintoma, para que não se petrifique no gozo alheio, ou na conformação ditada pelo Outro, como pensar as diferenças mesmo nas massas produzidas no interior de movimentos identitários? Ressaltando mais uma vez que, do ponto de vista sócio-histórico, tais movimentos se fazem necessários, para que diversos corpos possam ser vistos, escutados, sentidos em todas as dimensões de sua existência. A questão é de como a psicanálise pode manter seu discurso subversivo, em que o inconsciente, a diferença e a singularidade são orientadores de todo o campo.

Gênero, desejo, identificações, saber, verdade são peças de quebra-cabeças complexos, que tentam se completar e falham a cada tentativa. Estamos sempre equivocados nas fronteiras da sexualidade. Ainda mais se alienados por discursos enrijecidos, binários, dogmáticos e totalizantes.

Sinthome

Dadas algumas voltas em torno de gênero, identificação e sintoma, ao menos do que foi possível neste momento, pois muito teríamos a dizer sobre esses temas, voltemos a meu sonho nos finais de minha análise.

Meu pai, uma travesti na cena onírica!

Lembro-me desse sonho depois de ler a seguinte passagem de Dominique Simonney:

O sintoma é uma expressão metafórica da verdade da repressão inconsciente que se interpreta graças ao equívoco significante. É um “nó de sentido” que primeiro se apresenta ao sujeito como sem sentido, mas que chama ao sentido. A interpretação, se recorrer ao equívoco, proporá, ao invés do sentido que exige, um efeito de sentido que terminará desgastando o sentido mesmo:

“A interpretação analítica não é feita para ser compreendida; é feita para produzir ondulação.” (Lacan, 1976 citado por Simonney, 2009, p. 300)

Assim, o sintoma é substituível, deslocável e remete ao real de um gozo ignorado.

O *sinthome* não é substituível nem deslocável: visa a atingir seu real. Não revela o enigma nem o equívoco, senão que, ao contrário, mantém-nos em uma singularidade inalcançável pelo Outro: assim ocorre com a obra de Joyce. O *sinthome* é nomeação, resposta à falta de um Outro criador do nome. (Simonney, 2009, p. 300)

A ideia de *sinthome* como aquilo que poderia sustentar o enigma. “O enigma desfaz o sentido e induz a perplexidade no outro” (Simonney, 2009, p. 319). Não há mais por que pensar corpo como de homem ou de mulher. Qualquer um desses lugares não só remonta ao binarismo, como busca um lugar fálico. É um corpo entre outros, um corpo que pulsa singularmente, em um desenho que não atenderia ao que até hoje foi calcado como biologicamente, socialmente, moralmente determinado.

Seria possível pensar a assunção de um corpo trans como aquele que derruba o sentido discursivamente imposto, para poder transitar desde um enigma desejante de constante questionamento de que corpo é esse sem que a resposta se imponha como sentido carimbado. Como diz Preciado, um corpo plural.

É importante estarmos atentos ao engodo de que a transição traria a desneurotização do sujeito, ou que seria a solução para todas as suas angústias, tal qual aparece em alguns *reality shows* ou propagandas midiáticas vendidas em vários lugares.

Sim, a escolha de gênero pode ser uma das vias para o quarto nó... pode ser uma identificação ao *sinthome*, desde que o sujeito possa nominar-se por essa via. Trata-se de saber fazer com o enodamento entre real, simbólico e imaginário, que colocam em cena o impossível.

Poder nominar-se mulher cis, homem cis, mulher trans, homem trans, não binário, *gay*, hétero, ou seja lá qual nome se dê, pode, sim, passar por uma transformação corporal, por outra maneira de circular e se apresentar no mundo. Porém, segue sem a menor garantia de que a plenitude será alcançada e o nirvana será seu novo *habitat*. Mesmo depois de uma análise, seguimos nos virando com nossas angústias. Virando-nos como castrados que somos. Sustentando a condição de enigmas ambulantes, independente do gênero, de como nos nomeamos, de com quem transamos ou de quem amamos.

Referências bibliográficas

- Ambra, P. (2018). Gênero e identificação. *Stylus*, (35), p. 43-50.
- Buttler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990)
- Chemama, R. (1995). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jorge, M. A. C., & Travassos, N. P. (2018). *Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1964-1965). *O seminário, livro 9: a identificação*. Inédito.
- Lacan, J. (1973-1974). *O seminário, livro 21: os não tolos vagueiam*. Inédito.
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário, livro 22: RSI*. Inédito.
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (V. Ribeiro, Trad.). In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma* (S. Laia, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Preciado, P., & Veloso, C. (2020). *Transições*. Recuperado em 10 de maio, 2023, de https://www.youtube.com/watch?v=MxVB_lbOu8U
- Safatle, V. (2017). *Introdução a Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Simonney, D. (2009). El sinthome. In *Lacanian II: los seminarios de Jacques Lacan, 1964-1979* (pp. 297-328). Buenos Aires: Paidós.
- Soler, C. (2018). *A querela dos diagnósticos*. São Paulo: Blucher.

Recebido: 01/03/2022

Aprovado: 15/03/2022